

MÁGICOS E FADAS ou DESENVOLVENDO E AVALIANDO HABILIDADES E COMPETÊNCIAS NA ESCOLA

CELSO ANTUNES / EDUCADOR EDUCAR /

Há quarenta anos atrás muito pouco se sabia sobre o cérebro humano.

Que dele dependíamos para tudo constituía fato de consenso científico, mas como operava a consciência ou transformava símbolos em realidade, representava utopia cujo alcance se considerava inimaginável.

Mas vieram os anos noventa e com ele uma verdadeira revolução nos conhecimentos sobre mente humana e de sua admirável constelação de neurônios e indiscreíveis cascatas de sinapses. Se hoje ainda nos perguntamos porque pode a doença de Alzheimer roubar-nos a memória e desconhecemos os fundamentos misteriosos do autismo, da esquizofrenia e epilepsia, ao menos sabemos coisas que antes pareciam insondáveis e de tudo quanto é possível saber, muito se aplica ao cotidiano da sala de aula. Quando um professor fala em memória, emoção, linguagem, atenção, motivação e construção de significações é, em verdade, do cérebro humano que está falando.

Pesquisas recentes, por exemplo, mostram que se um professor ou uma professora solicita a um aluno que *descreva* um fato, ocupa elementos de seu cérebro diferentes dos que ocuparia, se ao invés de descrever, solicitasse que *comparasse, analisasse, sintetizasse* ou *contextualizasse*. Dessa forma, descobre-se que o trabalho com diferentes verbos de ação implica em não menos diferentes movimentos neuronais e uma amplidão de estímulos que, tal como o exercício físico para os músculos, enrijece, diversifica e fortifica as estruturas cerebrais.

Fatos científicos como esses e tantos outros trazem novas perspectivas e novas leituras sobre a aprendizagem, seus distúrbios e a essência que se esconde na diferença entre *saber* e conhecer, mas eram totalmente desconhecidos anos atrás. Esses desconhecimentos, entretanto, não impediram que mestres extraordinários, dotados da admirável intuição que nascia da experiência e reflexão sobre seus erros, desenvolvessem ações fantásticas que, se colocadas hoje em dia frente à frente com os avanços da neurologia, surpreenderiam pelo poder de antecipação do magnífico, pela magia de se descobrir pela prática o que a ciência percebe com aparelhos de ressonância magnética funcional.

Entre esses professores mágicos torna-se necessário lembrar João Hypolito. Negro, alto e forte e dotado de luminoso sorriso que se transformava em turbilhante gargalhada, Hypolito tornou-se perito na magia em contextualizar. Um dia, após um bate-papo onde expus a importância dessa habilidade operatória, surpreendeu-me com um protestos:

- Contextualizar, contextualizar ! Contextualizar é fácil para quem ministra Matemática e coloca seus ensinamentos nos shoppings que os alunos freqüentam; fácil para quem dá aulas de Português e pode fazer de suas lições

exemplo que se avalia na fala do jogador de futebol. Até mesmo é possível contextualizar-se os saberes da Geografia nas notícias dos jornais falados, mas mestre, como posso contextualizar a História ? Como posso, trazer para o dia a dia do aluno, fatos que ocorreram a quinhentos ou mesmo mil anos atrás ?

Mostrei-lhe que sua exasperação não tinha sentido. Que, por exemplo, em uma notícia sobre o M.S.T. - com a qual todos os dias os alunos deparavam - era possível resgatar-se a hereditariedade das capitânias, que em uma informação sobre a tragédia de um crime falado por todos, tornava-se válido o resgate da busca autêntica da liberdade, igualdade, fraternidade que dera sentido a uma Revolução Francesa. Hypolito ouviu-me atento e do exemplo fez ação. Tornou-se hábil “caçador” de relações contextualizadoras e, todos os dias, vinha com seu luminoso sorriso, mostrar a Reforma na lance do Vôlei, a Revolução Farroupilha na novela das oito, o Golpe Militar na passeata dos metalúrgicos. Sobre essas ações corriam suas aulas e seus alunos, pelos corredores, discutiam o Renascimento que inspirava o Campeonato Brasileiro, o Garibaldi de ontem na loucura que causara na defesa do Grêmio depois daquele impossível “gol de letra”.

Um dia, comunicou-nos que passara em um Concurso e que no próximo ano iria trabalhar como professor em uma barragem distante no Norte. Para lá levou a magia de suas contextualizações, o encanto fascinante de seu jeito de ensinar. Meu Deus, onde andaré Hypolito ? Que falta nos faz na cidade grande, o sorriso maroto desse mestre invulgar, desse mágico de ébano que amava o que fazia porque descobrirá que não podia viver sem a aqueles a quem fazia.

.....

Outra desconhecida princesa nesta trilha educativa, nascera em uma favela e durante sua infância contara com poucas experiências interativas. Meio que de improviso, mostrou entretanto, fada admirável na arte de formar, conscientizar e fazer do pensamento a estratégia de ação. Refiro-me a dona Marianinha, inspetora escolar. (*)

- Pois não, senhor Diretor ! Estou às suas ordens.
- Chamei a senhora aqui, dona Marianinha, pois quero sua ajuda. Dona Margarida avisou que precisará faltar e não quero deixar a turma da Sexta “A” sem atividade. Com professores em aula já são umas pestes, imagine soltos lá no pátio. Gostaria que a senhora cuidasse da classe, durante os próximos cinquenta minutos...
- Mas, senhor Diretor. Eu sou apenas uma Inspetora de Alunos. Como entretê-los por tanto tempo, não tenho preparo para isso !
- Falta-lhe preparo, dona Marianinha, mas sobra-lhe bom senso e boa vontade. Vá lá e invente alguma coisa sobre o que dizer...

Assustada, mas não sabendo recusar e não temendo desafios lá foi dona Marianinha, matutando sobre o que poderia dizer. Já à entrada da sala, um

misto de vaia e uivos de decepção à esperavam. É evidente que os alunos prefeririam ficar à toa, inventando futebol ou fuxicos no pátio. Dona Marianinha, entretanto, foi severa e firme. Colocou-os sentados, sabia o quanto os alunos a respeitavam quando fechava o sorriso. Disse com seriedade:

- Gostem ou não, tenho um assunto para ensinar. Prestem atenção porque metade da aula será expositiva e a outra parte irei cobrar a prática.
- Sobre o que será a aula, dona Marianinha ?
- Será uma aula sobre quatro expressões. Vamos praticar “por favor”; “muito obrigado”, “desculpe” e “com licença”...
- Ah, isso a gente já sabe. Fale-nos de algo mais novo...
- Sabem, mas não praticam. O saber que não está na vida, na rua, no dia à dia não é saber. Além disso, não existe nada mais novo que essas expressões, pois elas jamais envelhecem. Alguém aqui, por acaso, usou-as e, logo depois, arrependeu-se ? Será que elas não nos ajudam no trabalho ? E na família ? Será que não servem para fazer amigos ?
- Ah, dona Marianinha, meu pai não fala essas palavras em casa...
- Não as fala, Ricardo, talvez porque não tenha atentado para seu valor; mas se você que não as recebe, souber empregá-las, acha que ele achará ruim ? Será que alguém pode dar exemplos de que o emprego desses sinais de cortesia estão acabados ? O que você pensa desse assunto, Roberta ?
- Sei lá, dona Marianinha. No papo que se tem lá fora entre nós, ninguém fala desse jeito...
- Mas, será que se falar, será tomada como antipática ? Arrogante ? Eu acho que não. A cortesia algumas vezes assusta por ter sido esquecida, mas não há quem dela não goste...
- É verdade, pessoal ! Lembram-se do Carioca – foi falando o Mateus – quando chegou na escola, todo mundo estranhou sua educação. Mas, aos poucos a turma foi se acostumando e ele enquanto por aqui ficou, sempre falou dessa maneira e as meninas da Quinta gostavam mais dele que dá gente !
- Eu acho “super-elegante” um rapaz educado, mesmo quando ao seu redor ninguém tem educação...

Desnecessário dizer que daí para frente a aula correu solta, participativa, interativa, envolvente. Instigada pela Inspetora, os alunos resolveram fazer pesquisas e descobrir expressões de igual quilate em outras línguas, em outros lugares, em outros tempos. Foram pedir ajuda a dona Neide, professora de Inglês, que se comprometeu ampliar pesquisa igual em outras culturas. No evoluir do projeto de pesquisa entrou a História, a Geografia. A professora de Ciências propôs estudar nos animais mais próximos ao homem, símbolos corporais de

afeto, demonstrações de respeito. A professora de Língua Portuguesa, dona Ivete, aproveitou o interesse da turma e sugeriu uma busca de expressões de cortesia e trato nos livros marcados para a leitura do bimestre; o Carlão, professor de matemática, usou as práticas corporais da cortesia – do aperto de mão à continência – para falar de movimentos e para explicar a força. Os alunos, empolgados e algum tempo depois, sugeriram à Direção a montagem de uma peça teatral, onde através do drama e da comédia, se mostrasse a dimensão do afeto que as palavras encerram.

A escola, desnecessário lembrar, “ferveu” com esse tema e o mesmo esparramou-se pela cantina, envolveu funcionários administrativos, mexeu com famílias. Foi tanto e tão grande a empolgação que poucos se lembraram que quem iniciou tão admirável “incêndio” foi a aula substituída pelo improviso de dona Marianinha. Tempos depois, procurei por ela e soube que se aposentara. Nunca mais a vi, mas guardo na mais terna das saudades, a lembrança dessa mestra admirável, desta professora “sem falcudade” mas com a magia do bom senso de quem crê que formar está ainda a frente do ensinar. Será que estou louco ou que o máximo divisor comum é, realmente, mais importante que o sentido social e integrador do singelo “muito obrigado”.

.....

Ao longo de minha vida de estudante tive excelentes professores, outros nem tanto. Um dos que mais profundamente marcaram minhas lembranças foi Dr. João, professor do curso de Geografia, na Universidade de São Paulo, pelos idos dos anos 1950. Marcou, pelas aulas excelentes que ministrava mas sobretudo por insólita ocorrência que, na hora, despertou minha revolta e que por mais de dez anos conservei, mas que o tempo acabou transformando a mesma ocorrência em sentimento de inesquecível paixão.

Nessa oportunidade eu freqüentava as aulas e fazia também o Exército. Autuado como insubmisso, recebi convocação militar tardia que alcançou-me ao mesmo tempo que cursava o segundo ou terceiro ano. A inevitável consequência desse atropelo foi descobrir que ficara em 2ª época, na disciplina desse professor. Não me surpreendi, julguei que a reprovação fora justa, necessitava entretanto saber as matérias indicadas para exame. Na noite em que constatei a reprovação, procurei-o em seu gabinete. Atendeu-me com ar aborrecido de quem não gostava muito de interrupções:

- O que deseja, meu jovem ?
- Bem, mestre. Como fiquei em 2ª época, necessito saber os conteúdos que deverei estudar...
- Mas porquê você ficou em 2ª época. E logo na minha matéria onde poucos ficam ?
- Bem, professor. Fui obrigado a servir o Exército e com isso tenho perdido muitas aulas. Além disso e por isso, necessito acordar de madrugada pois o quartel é distante e nem sempre existe ânimo ou tempo para estudar. Mas, o

senhor pode deixar, para a 2ª época encontrarei tempo e terei de fazer boas provas, como as que fiz no primeiro semestre...

- Diga aí meu jovem, você aprendeu afinal algumas coisas em minhas aulas ? Fale-me do que já sabe...

Falei às pressas de conceitos que dominara, concluí dizendo:

- Mas, existe por certo professor, coisas que ainda não sei...

Interrompeu-me, pensando em voz alta: - eu também, filho, não sei uma porção de coisas... Sem dizer mais nada, desviou o olhar e apanhou em sua gaveta a relação das notas. Perguntou meu nome e fez breve comentário, mais falando consigo próprio que dirigindo-se a mim: - É verdade ! Você tirou sete no primeiro semestre e neste precisava de apenas três, mas tirou dois. E olhando-me bem nos olhos:

- Não precisa fazer prova nenhuma, eu arredondo sua nota.

E assim dizendo, apanhou a caneta rabiscou o dois que eu tirará, transformando-o em um três. E antes que eu dissesse qualquer coisa, comentou: - Agora, até logo ! Você passou de ano, tenho coisas mais importantes para fazer...

Ainda que beneficiado por seu gesto, saí de seu gabinete revoltado. O mestre fora injusto. Premiara-me, é verdade, mas a custa de uma violação. Eu não merecia esse prêmio e, no meu pensar, mais justo seria a nota legítima, ainda que seu custo fosse a 2ª época. Por muitos anos carreguei o sentimento do prêmio imerecido, da oferta que não pedira, da injustiça que fora concedida não por méritos, mas por extremo comodismo do professor.

O tempo fez com que eu mudasse de opinião. Mais que o tempo, minhas lembranças desse inesquecível mestre vem de Vygotsky e de sua zona de desenvolvimento proximal. Vem da descoberta que o aluno que aprende não é o que mais informações retém, mas aquele que se transforma ao transformar informações em conhecimento. Ingênuo, eu acreditava na avaliação quantitativa e portanto que o saber vinha de fora para dentro, entregue tal como encomenda postal. Acreditava que toda nota representava uma medida de saberes acumulados e, desconhecendo Vygotsky não sabia que quem pelos caminhos dos conteúdos aprende significações e transfere soluções, quem descobre a distância verdadeira entre o que se sabia e o que se aprendeu está efetivamente progredindo não necessitando da estatística para mostrar que mudou.

Será que o mestre ao me atribuir prêmio que eu julgara imerecido, não estava em verdade, antecipando um conceito de aprendizagem mais humano, mais realista, mais centrado nas efetivas possibilidades do momento e das circunstâncias ? Eu creio que sim e por isso, não sinto saudade do que pensei. Saudade sinto de mágicos do ensino, criaturas extremamente humanas que antes de olhar a nota, olha de maneira benevolente o progresso de seu aluno e a integridade das intenções daqueles que buscam alcançá-la.

.....

Desculpem-me com sinceridade a frustração destas mensagens.

Prometi mágicos e fadas e ofereci-lhes pessoas comuns, criaturas cheias de indecisões e de incertezas como todos, como eu e como você. Essas pessoas realmente existiram ou foram criadas pelo sonho poético de desejá-las verdadeiras ? Não importa. A resposta é irrelevante. O que mais importa é saber que, reais ou sonhadas, são pessoas possíveis. Pessoas que descobrem em seu trabalho a verdadeira Ilha da Utopia, essa “bolha fantástica” a que prosaicamente chamamos *sala de aula*.

Este espaço de sonhos e fantasias que nos acolhe como seres comuns, mas que ao ali entrarmos nos transforma e liberta o anjo escondido da grandeza que faz de criaturas singelas, heróis da neurologia, mágicos e fadas na construção do saber, na exaltação do amor por educar.

(*) As crônicas *Por favor; Muito obrigado; Desculpe; Com licença* (Dona Marianinha) e *Revolta e Paixão* (Vygotsky caboclo) com pequenas adaptações, estão publicadas na obra “Antigüidades Moderna”, de Celso Antunes. Editora Artmed. Porto Alegre